

**INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR SANT'ANA
PAOLA REGINA EMILIANO MORAES**

**ENSINO RELIGIOSO
APRENDENDO A RESPEITAR AS DIFERENÇAS**

**PONTA GROSSA
2017**

PAOLA REGINA EMILIANO MORAES

**ENSINO RELIGIOSO
APRENDENDO A RESPEITAR AS DIFERENÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia na Faculdade Sant'Ana.

Orientadora: Prof^a. Dra. Neuza de Fatima Brandellero

**PONTA GROSSA
2017**



INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO SANT'ANA

CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE APROVAÇÃO

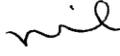
PAOLA REGINA EMILIANO MORAES

ENSINO RELIGIOSO: APRENDENDO A RESPEITAR AS DIFERENÇAS

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado no Curso de Pedagogia, do Instituto Superior de Educação Sant'Ana, com a seguinte banca avaliadora:

Orientadora Prof^ª Dra. Neuza de Fátima Brandellero 

Banca Prof^ª Esp. Jociane da Silva Pereira 

Banca Prof^ª Ms Maria Elganei Maciel 

Ponta Grossa, 27 de novembro de 2017

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus sem o qual não existiríamos, em segundo lugar a minha avó Alzira Skibinski, por nunca ter desistido de me incentivar nos estudos e, a me tornar uma pessoa forte através do seu amor, carinho e compreensão. E também ao apoio dado por meu companheiro Allan Rodrigo em toda essa jornada que me trouxe até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, pois sem ele não teria forças para cumprir essa jornada.

Agradeço a minha professora orientadora, a professora Dra. Neuza de Fátima Brandellero que teve paciência e ajudou á concluir este trabalho.

Agradeço também aos meus professores que estiveram presentes durante muito tempo, que me ensinaram e mostraram os vários caminhos da Pedagogia.

As minhas amigas Gabriela e Débora, pelos trabalhos em grupo, incentivos e apoio durante essa etapa da minha vida.

[...] As religiões são caminhos diferentes convergindo para o mesmo ponto. Que importância faz se seguimos por caminhos diferentes, desde que alcancemos os mesmos objetivos?(MAHATMA GANDHI)

RESUMO

Durante toda a história da humanidade, a religião esteve presente em todas as sociedades, sendo objeto de estudo no decorrer dos diferentes períodos da história. Presente na vida de inúmeras pessoas, a religião se fez e ainda tem sua participação no contexto escolar, através do Ensino Religioso. Essa disciplina vem sendo na atualidade, assim como desde o início da era republicana, o centro de problemáticas onde a educação brasileira passa por diversas mudanças ocorridas até hoje. O presente trabalho tem como tema o Ensino Religioso: aprendendo a respeitar as diferenças, onde a problemática, resulta da pergunta: Em um país como o Brasil, onde todo cidadão tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião, por que a intolerância religiosa, ainda é um dos assuntos que causam discriminação, zombaria, indiferença e até mesmo perseguição aberta ou sutilmente? Tendo como objetivo geral a compreensão do Ensino Religioso, e de como se pode ajudar a construir cidadãos conhecedores das diferenças religiosas e respeitando-as, através do conhecimento da história do Ensino Religioso no Brasil e no mundo, juntamente com os objetivos específicos : conhecer a história do Ensino Religioso no Brasil, pesquisar panoramicamente sobre as histórias de algumas religiões que influenciam a sociedade brasileira, averiguar os conteúdos abordados pela disciplina de Ensino Religioso e descrever os maiores desafios encontrados pelos professores de Ensino Religioso averiguando os conteúdos abordados por esta disciplina. Visto que o Brasil é considerado um País laico e o catolicismo é o centro de manifestos, tendo como exemplo alguns feriados respeitados por todos, até mesmo por aqueles que não fazem parte da mesma fé. A pesquisa iniciou-se com uma análise bibliográfica, optando pela realização de um trabalho de cunho teórico que condiz com a legislação e diretrizes que vigoram no Estado.

Palavras chave: Religiões.Intolerância.Cultura.Ensino Religioso.Pluralismo.

LISTA DE TABELAS

TEBELA 1- População residente-religião_____18

TABELA 2- População residente religião_____24

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CONCEITUANDO O ENSINO RELIGIOSO	12
2.1 O ENSINO RELIGIOSO NO MUNDO E NO BRASIL	12
2.2 RELIGIÕES DOMINANTES NO MUNDO	18
2.2.1 Cristianismo	19
2.2.2 Islamismo	20
2.2.3 Hinduismo	21
2.2.4 Budismo	22
2.2.5 Judaísmo	23
2.3 RELIGIÕES DOMINANTES NO BRASIL	24
2.3.1 Católica	25
2.3.2 Evangélica	26
2.3.3 Espírita	26
2.3.4 Testemunha de Jeová	27
2.3.5 Umbanda	27
2.4 ENSINO RELIGIOSO: PROFESSOR, ALUNO E CONTEÚDOS	28
2.5 A INTOLERÂNCIA	32
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
4. REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

A religiosidade está presente em todas as culturas, se manifestando ao longo da história, sendo vista como algo essencial e permanente da existência do ser humano ou como uma forma de força sobrenatural coletiva, criada com o intuito de entender os sentimentos e atitudes em relação ao mundo e às pessoas, dando uma possibilidade de sentido para a existência humana.

Desta forma, este trabalho procura mostrar que o Ensino Religioso varia muito, no entanto é através dele que surge a compreensão que existem entre as religiões e de como suas formas culturais influenciam na sociedade.

Religião e conhecimento religioso são patrimônios da humanidade, pois, construíram se historicamente na inter-relação do aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos . em virtude disto, a disciplina de ensino religioso deve orientar-se para a apropriação dos saberes sobre as expressões e organizações religiosas das diversas culturas na sua relação com outros campos do conhecimento.(DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ENSINO RELIGIOSO, 2008, p. 45).

O primeiro capítulo apresenta a história das religiões, que predominam, constituindo-se em códigos sagrados para muitas pessoas em várias partes do mundo e em diferentes períodos da história da humanidade.

O segundo e terceiro capítulos trazem um pouco da história das religiões que possuem mais adeptos no mundo e no Brasil. Com o objetivo de relatar historicamente o desenvolvimento que o Ensino Religioso teve no Brasil e destacar os atores sociais que estiveram envolvidos nessa questão, falando sobre algumas considerações acerca da origem desta disciplina.

No Brasil, o Ensino Religioso é aceito como disciplina escolar, e tem sido marcada desde então, por grande complexidade e diversas polêmicas entre a laicidade em seus vários contextos históricos e culturais.

A possibilidade de um Ensino Religioso aconfessional e público só se concretizou legalmente na redação da lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional de 1996 e sua respectiva correção em 1997, pela lei 9.475. de acordo com o artigo 33 da LDBEN, o Ensino Religioso recebeu a seguinte caracterização: Pela primeira vez na história da inclusão dos temas religiosos na educação brasileira, foi proposto um modelo laico e pluralista com a intenção de impedir qualquer forma de prática catequética nas escolas públicas. (DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ENSINO RELIGIOSO, 2008, p. 40-41).

O Ensino Religioso, é considerado problemático, pois para sua melhor compreensão se faz necessário um distanciamento do particularismo próprio, dos credos religiosos e do Estado laico. Cada vez que esse problema apareceu nos planos educacionais sempre veio carregado de uma preocupação em torno de sua presença.

Por este motivo a curiosidade de entender os conteúdos e a relação professor x aluno que iremos falar no quarto capítulo o qual enfatiza o diálogo inter-religioso e os aspectos comuns das religiões que norteiam as aulas de Ensino Religioso as que possuem caráter pluralista e não confessional que tem por objetivo analisar como está sendo sua aplicação pedagógica e identificar a percepção dos educadores, alunos e pais em relação à permanência dessa disciplina.

O Ensino Religioso na escola é parte de um debate nacional, mas que não foi suficientemente abordado e que precisa ser melhor discutida. Até porque muitas vezes á certa recusa sobre essa disciplina por falta de conhecimento dos pais e alunos.

O propósito de sua menção não consiste em optar por uma defesa ou recusa da religião, mas procura, por outro lado, demonstrar que existem diversas formas de aprender o Sagrado e todas elas devem ser consideradas nas aulas de Ensino Religioso. (DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ENSINO RELIGIOSO, 2008, p. 56).

Sendo assim o presente trabalho propõe trazer itens teóricos e práticos que auxiliem de alguma forma na reflexão e compreensão dos vários problemas que cercam esta disciplina no cenário escolar, de forma que possam contribuir para melhor entendimento da mesma.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa tem caráter bibliográfica dentro de uma abordagem qualitativa, com total interesse ao estudo das religiões em todo decorrer da história, numa leitura de pensamento que analisa e conceitua o termo religião através da apresentação da visão de diferentes autores, pois esse é um tema que está visível no cotidiano de um grande número de pessoas que permeia pelo ambiente escolar e em diversos outros lugares.

2. CONCEITUANDO O ENSINO RELIGIOSO

2.1 O ENSINO RELIGIOSO NO MUNDO E NO BRASIL

O Ensino Religioso no Brasil, inicia-se com a colonização e a chegada dos jesuítas, a qual sua função era catequizar os índios. Porém o:

Catolicismo oficial foi utilizado para destruir as culturas e as religiões praticada tanto pelos povos nativos aqui encontrados como pelos povos negros que foram escravizados trazidos para o Brasil. (SANCHES, 2005, p. 118).

Fazer um juízo deste remoto passado, não constitui uma tarefa fácil, ao olhar sob o prisma dos Jesuítas, eles fizeram aquilo que julgaram ser o melhor naquele momento histórico.

Com o passar do tempo, e olhando com outros olhos é possível perceber que não havia uma tolerância religiosa, o que realmente interessava no momento, era o maior número de conversões para o catolicismo. Talvez, sem nenhum diálogo entre as diferenças religiosas existentes.

Ao longo dos primeiros séculos, o Brasil foi caracterizado como possuidor de uma sociedade uni religiosa, tendo o catolicismo como religião oficial. Desta forma o “ser” católico não era uma opção pessoal, mas uma exigência da situação histórica, daí se percebe a polemica na qual o ensino religioso se envolveu. (JUNQUEIRA, 2002, p. 10).

A única religião oficial, e mais conhecida entre os portugueses, era o Catolicismo, possuidora de livros, ritos, vestes próprias, impressionando pela beleza e diferença. Muitos achavam que era bom se tornarem católicos, e fazerem parte de uma *sociedade* ou coisa parecida, mas não havia convicção nestas conversões. O Ensino Religioso ministrado nas escolas, era o católico, sobretudo nas escolas privadas, que eram dirigidas por religiosos.

No século XVI, surge a ideia de uma reforma protestante de uma escola para todos, ou seja, uma educação universal, que por meio da alfabetização poderia se ler a Bíblia, motivando a religião. Foi justamente a partir de Lutero que a Bíblia pode ser circulada entre os fiéis, antes desta época era livro de uso restrito a Bispos e Padres.

Mesmo no século XVI, quando assistimos a todo o processo da reforma protestante, o papel da educação em uma perspectiva religiosa é perceptível. Os reformistas Lutero (1483-1546) e Melanchthon (1497-1560) trabalharam intensamente para implantação da escola elementar para todos. Era a primeira vez que se falava da escola universal. (JUNQUEIRA ; WAGNER, 2011, p. 28).

Uma escola onde, todos teriam direitos de ensino, mas desde que seus princípios partissem da religiosidade, ou seja, onde a escola era para todos. Seus ensinamentos eram através de catequese, ainda havia proselitismo religioso, isto é tentativa de converter o aluno para a religião do seu professor.

No século XVII com o início da revolução industrial, ou seja, a mecanização das indústrias, “em 1750 com a introdução da máquina a vapor, inicia-se a revolução Industrial alterando definitivamente o panorama socioeconômico com a mecanização da indústria.”(JUNQUEIRA; WAGNER, 2008, p.30).

O que importava no processo da industrialização era o trabalho na indústria, as pessoas tinham interesse em morar na cidade, e desejavam um bem estar econômico.

Com essas mudanças o homem deixa de valorizar a natureza, passando a querer entender sobre conhecimentos científicos. Nesta perspectiva:

[...] tais poderes são acrescidos no século XVII do racionalismo e da revolução científica, surgindo um ser humano confiante, artífice do futuro, que não mais se contenta em contemplar a harmonia da natureza, mas quer conhecer e domina-la. (JUNQUEIRA; WAGNER, 2008, p. 31).

Frente a este contexto o importante é transformar a natureza, para o progresso sonhado, proporcionando ao homem melhores condições de vida, sobretudo para aqueles que residem nas cidades.

No século XVIII, no processo *do Iluminismo*, que condenava o fanatismo religioso, valorizando a pluralidade cultural, a igreja passa a ter menor influência ou nenhuma sobre a educação. O que passa a importar é o antropocentrismo e não mais o teocentrismo.

[...] a igreja católica romana vê se diante de um dilema ao mesmo tempo em que ela perde privilégios diante do estado e diante da sociedade, e muitos membros da hierarquia católica lamentam esse fato, ganham a liberdade que antes não tinha. A submissão da Igreja católica romana ao Estado,

herança do regime de padroado, tirava da própria instituição a autonomia que necessitava para a sua atuação, tanto no que diz respeito a sua organização e atuação no território nacional, como também no que diz respeito aos recursos humanos necessários a essa atuação.(SANCHEZ, 2005, p.124-125).

Neste momento, a igreja católica vai perdendo credibilidade, surgem várias outras vertentes, as quais as pessoas passam a acreditar e a se enquadrar, começam a pensar diferente e a questionar as normas do catolicismo, ganhando mais autonomia, passando a transitar por várias religiões.

A igreja católica, que desde então era o centro de dominação escolar, sofre com o surgimento do capitalismo industrial, onde a população é predominantemente urbana. O trabalho exige qualificação para funcionários, neste contexto a educação fica a cargo do Estado. O catolicismo acaba perdendo adeptos começando a dialogar com outras denominações religiosas, já existentes no Brasil.

Neste projeto diversas áreas devem ser adaptadas, inclusive a educação, que assume importância significativa, visto que é organizada para servir aos interesses e propósitos empresariais e industriais, a fim de preparar a mão de obra para os serviços necessários, assim como os sistemas educacionais devem estimular a competitividade em vista a alimentar o mercado nacional e internacional. Para alcançar esta perspectiva, investe-se na hegemonia ideológica que sustente esse ponto de vista, já que se corre o risco de manipular não apenas o intelectual, mas também o afetivo. Somente desta forma será possível garantir este macroprojeto.(JUNQUEIRA, 2002, p.27).

A educação passa a ser interesse e responsabilidade do Estado, pois manipulando o povo através da competitividade, seria possível obter mão de obra necessária para suprir as demandas do mercado brasileiro no mundo do trabalho.

O importante neste contexto era preparar mão de obra para a industrialização e comércio, tentando dar o mínimo de conhecimento, para erradicar o analfabetismo que existia naquele momento no País.

Com a interferência do Estado nos currículos das escolas, algumas vezes foram proibidas as aulas de religião, com o propósito de não mais ser usado como um espaço para confissões religiosas, não só católicas, como as demais. Neste momento quando o Estado e a Igreja se desencontra, a educação é limitada.

No período da República, estabeleceu-se o conflito explícito com as questões religiosas, entre as quais encontrava-se o ensino religioso, o qual a partir desse momento histórico do Brasil deveria ser leigo e não mais tutelado por nenhuma tradição religiosa. Esta proposta foi na realidade

influenciada pela concepção francesa de liberdade religiosa alimentada pela revolução de 1789, sofrendo a interferência do agnosticismo e do historicismo, assumindo a razão um papel preponderante. Desta forma radicalizou-se as relações com as tradições religiosas, procurando extingui-las do Estado. (JUNQUEIRA, 2002, p.10-11).

A Igreja passa a não poder usar mais de proselitismo, não tendo domínio sobre quaisquer assuntos voltados a educação, um conflito gritante entre a disciplina do Ensino Religioso católico e de outras denominações com o Estado leigo o qual o Brasil tornou-se a partir de inspirações da Revolução Francesa, que diz, liberdade, fraternidade e igualdade para todos.

As várias religiões existentes no Brasil e sobretudo a católica por ser a maior, encontra-se diante de um problema, a *laicidade* e o “Ensino Religioso fica refém dessa confluência de posturas apologéticas que, do ponto de vista histórico, é mais simples e cômodo conservar do que mudar.”(PASSOS, 2007, p. 92).

Dessa forma, a igreja se mantém do mesmo jeito firme e autoritária, preferindo perder fieis, a tentar mudar para aproximá-los.

No século XIX, o Ensino Religioso passa a ser obrigatório nas escolas, mas passa a ter caráter facultativo, ou seja, era ofertado como disciplina, porém o aluno é quem decidia se queria fazer ou não a disciplina.

O Ensino Religioso é obrigatório para a escola, concedendo ao aluno o direito de opção de matrícula. O dispositivo constitucional outorgado garante o Ensino Religioso no sistema escolar. Na prática porém, continua receber um tratamento que o discrimina e dá origem a muitos desafios de natureza pedagógica e administrativa. O Ensino religioso inicia claramente um processo de busca de identidade, pois não há clareza quanto ao seu papel específico no ambiente escolar. (JUNQUEIRA; WAGNER, 2011, p.39).

Diante disso surgem várias discussões sobre o papel do Ensino Religioso na escola, uma vez que, catequizar não é o mesmo que respeitar a liberdade religiosa, mas impor a ela. Catequizar significa dar a doutrina de uma certa religião, que deve ser feita pelos seus pastores e padres, em suas respectivas igrejas e isso não caberia mais as escolas.

Nesta perspectiva o Ensino Religioso passa a não ter a função de catequizar, mas de construir cidadãos conhecedores das dimensões religiosas de outros cidadãos, e percebendo a necessidade do diálogo com as diferenças religiosas existentes dentro de uma sala de aula, assim como em toda a sociedade.

A partir deste momento, prioriza-se o princípio religioso, sem acentuar esta ou aquela tradição religiosa; cada aluno será aceito independente do credo professado. Esta alteração de legislação foi consequência de um significativo movimento articulador promovido pelo Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. (JUNQUEIRA, 2002, p.69).

As diferenças religiosas passam a ser respeitadas, não ocorrendo mais o proselitismo nas escolas. Há uma liberdade em estudar a religião, e o Ensino Religioso passa a ser uma disciplina como as demais. Cultura Religiosa, pluralismo religioso, onde os alunos e as pessoas, estudam para aprofundar seus conhecimentos históricos e não meramente para converter-se a esta ou aquela religião.

Desta forma podemos perceber que desde o histórico da colonização, é possível identificar traços da intolerância religiosa, onde as pessoas eram privadas de sua liberdade de expressão, e até mesmo quando foram praticamente obrigados a adotar o catolicismo como sua única religião. E mesmo com essa herança o Brasil é um País predominantemente Cristão, convivendo pacificamente com outras diferentes denominações religiosas. E o mais interessante, que se intitula um País laico.

Convém ressaltar que na sociedade moderna o grande passo para o pluralismo em geral, e para o pluralismo religioso em particular, foi justamente o processo de secularização entendido como a ruptura do monopólio de interpretação possuído pela Igreja católica romana que dava a ela condição de garantidora de valor e de toda a autoridade, e a abertura a dimensão da escolha, da responsabilidade e do agir humanos. (SANCHEZ, 2005, p. 39-40).

A igreja católica, não é mais a única a falar sobre os valores, há outras vozes também, que se faz necessário ouvir, e a laicidade é reconhecida, e o pluralismo religioso que é considerado um processo de conscientização das outras religiões na escola, a partir daqui se torna acessível aos conhecimentos de dados e fatos, que circulam por meio de outros códigos, assim como o virtual, audiovisual entre outros.

O pluralismo religioso é um conceito mais amplo e aponta para relações sociais entre Estado, sociedade civil e atores religiosos. Isto supõe relações legais, jurídicas e simbólicas que levam a existência de diversos grupos religiosos com possibilidade real de crescimento e expansão. Essas relações são construídas historicamente e buscam evitar um poder religioso único ou dominante que impeça o desenvolvimento de seus concorrentes seja quais forem estes. Pluralismo assim aparece assim em um momento determinado de uma sociedade, como uma circunstância e um processo,

com avanços e retrocessos, em continua redefinição vistos que seus limites como seus atores estão em constantes mudanças. (SANCHEZ, 2005, p. 52-53).

Neste sentido o pluralismo religioso, ganha espaço na sociedade brasileira, e tenta-se construir um bem, a partir das diferenças, sobretudo religiosas. Não há a única voz católica, mas outras vozes também são ouvidas. Construir valores a partir do plural, não significa só progresso, mas também retrocessos em algumas tentativas, isto faz parte do crescimento histórico e social de uma determinada sociedade.

Disso resulta que não se trata de uma mudança social contra a tecnologia, a indústria, a democracia ou em rejeição a ciência. Trata-se antes de uma transformação em aliança com essas forças sociais, que antes eram vistas como absolutas, mas que agora são revitalizadas. Os valores específicos da modernidade industrial, diligência (indústria), racionalidade, ordem, solidez, pontualidade, sobriedade, produtividade, eficiência, não devem simplesmente ser abolidos. Eles devem, isso sim, ser reinterpretados, com os valores do pós-modernismo, para dentro de uma nova constelação, e combinados com imaginação, sensibilidade, emoção, calor, suavidade e humanidade. Não se trata, pois, de jogar fora ou condenar, mas de dar novas ênfases, de oferecer contrapropostas, de proporcionar contra movimentos. (KUNG, 2002, p.47).

Com uma educação pós-moderna, foi possível a abertura de novos caminhos, considerando que os indivíduos em suas diferenças criassem por meio de situações e interações o respeito com o novo e diferente. Foi preciso criar ocasiões para despertar o interesse à desigualdade e relativamente à intolerância na formação da construção do conhecimento dos cidadãos, partindo de valores comuns a todos, como o respeito e a tolerância.

Também a sociedade humana é multidimensional. Hoje temos de estar preparados para inter-relações complexas, e dinâmicas. Contra todas as tendências para uma "globalização" (a tentativa de estabelecer mundialmente costumes idênticos no que tange a alimentação moda e mídia) haverá também tendências contrárias que buscarão uma autoafirmação cultural, linguística e religiosa isso porém, não deve ser desqualificado de princípio como sendo nacionalismo cultural, xenofobia linguística ou tradicionalismo religioso. (KUNG, 2002, p.48).

Por causa desta pluralidade, fez-se necessário, mais do que nunca, as boas relações, não só comerciais, como dita a globalização, mas entre as pessoas. A

educação, os costumes culturais e religiosos de uma determinada sociedade, para que haja um desenvolvimento humano e não só material do ser.

2.2 RELIGIÕES DOMINANTES NO MUNDO

Neste item será apresentada uma visão panorâmica das cinco maiores religiões do mundo, apesar das dificuldades para classificá-las teoricamente.

O universo físico se estruturava em torno do drama da alma humana. E talvez seja esta a marca de todas as religiões, por mais long[ui]nquas que estejam umas das outras: o esforço para pensar a realidade a partir da exigência de que a vida faça sentido. (ALVES, 1999, p. 9).

Parece ser esta a função da religião, dar um sentido mais profundo á vida. Pudesse relacionar ou diferenciar cada uma das religiões tendo uma visão sobre a quantidade de seus seguidores, seus fiéis que professam e vivem a doutrina de suas religiões.

As grandes religiões estão bem vivas. O número de seus adeptos não diminui. Ao contrário. Se os sentidos são confiáveis e comparáveis, diríamos até que a evolução numérica das grandes religiões ao menos seguiu a evolução demográfica. (SAMUEL, 1997, p. 6).

As religiões são diferentes tipos de visões do sagrado, de como compreender Deus, por isso mesmo faz-se necessário conhecer um pouco sobre cada uma destas religiões que influenciaram na ramificação de outras denominações, sobretudo seus contexto histórico-cultural e sociológico. Segundo a estatística abaixo:

Tabela 1- População residente religião

Número	População residente religião	Total	Pessoas
1º	Christianity	2.1 billion	Pessoas
2º	Islam	1.5 billion	Pessoas
3º	Hinduism	900 million	Pessoas
4º	Buddhism	376 million	Pessoas
5º	Judaism	14 million	Pessoas

Fonte: http://www.adherents.com/Religions_By_Adherents.html

2.2.1 Cristianismo

“Amemo-nos uns aos outros, pois o amor é de Deus, e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus.”(1Jo 4,7)

Sendo atualmente a maior religião do mundo, Scherer comenta que essa religião existe “há cerca de 2000 anos”(2005, p. 15), e que somente no Brasil “ o número de fieis cristãos, ultrapassa 152 milhões”.(SCHERER, 2005, p. 15). O cristianismo é uma religião monoteísta, que acredita somente em um Deus.(Pai, criador do mundo, Filho, Redentor do Mundo e Espírito Santo, santificador do mundo.) Mistério da Santíssima Trindade, um Deus em três pessoas.

O Cristianismo possui três vertentes, são elas: o protestantismo, catolicismo e a igreja ortodoxa, mas que de forma universal, creem na vida após a morte. Teve início através dos ensinamentos de Jesus de Nazaré, seu livro sagrado é a Bíblia Sagrada, que contém o antigo testamento e o novo testamento. Seus ensinamentos provém de bons exemplos e do amor de Deus ao próximo, amar a Deus e ao próximo é a máxima do cristianismo. Seus cultos, a missa, sobretudo são realizados em igrejas e seus principais rituais são o batismo, primeira comunhão e crisma.

[...] que o cristianismo é religião de graça criadora (de não juízo e não violência ativa). Superando a pura tolerância (deixar que os outros sejam), emergem o amor comprometido em favor dos demais, como o de Jesus em cuja vida e morte (em toda sua pessoa) revelou-se o “poder” do não juízo. Mas além da pura indiferença e do afastamento desdenhoso, Jesus mostra o poder criador e revolucionário da graça, que entendemos como tolerância, mas não em sentido negativo de passividade, e sim em um sentido ativo, como potência criadora. (PIKAZA, 2008, p.190).

Portanto, o cristianismo é uma religião que tem por base a tolerância entre seus seguidores e também em relação aos que não professam a mesma fé. A história do Cristianismo, apresenta alguns seguidores que morreram por causa de Jesus Cristo e por amor ao próximo.

2.2.2 Islamismo

“Ninguém de vós será verdadeiramente crente enquanto não quiser para seu irmão o que quer para si.” (HADITH DO PROFETA)

Considerada a segunda religião com o maior número de fiéis no mundo, com “seus 1400 anos de história, os muçumanos hoje avaliados em 1,5 bilhão de

seguidores”.(SCHERER, 2005, p. 17). Essa religião considerada monoteísta, acredita em um Deus somente.

O Islamismo teve início através dos ensinamentos de Maomé, seu livro sagrado é o *Alcorão*, seus adeptos são divididos em Xiitas e Sunitas. Os Sunitas são ortodoxos, conservam a tradição (suna) que completa o alcorão. Os Xiitas cujo centro principal é a Pérsia, pensam que Maomé não é o último dos profetas”. (MELLO, 2006, p. 117).

Seus ensinamentos provém das necessidades de bondade, justiça e generosidade entre seres humanos, e crer em Ala como único Deus. Realizam ao menos cinco orações comunitárias diárias, e um de seus principais rituais são obedecer ao jejum religioso durante o ramadã.

O Islamismo parece destacar mais os traços de violência. [...] Porém, entendido de modo radical, acaba supondo que não há outra realidade a não ser Deus, que o resto não existe, de maneira que os homens ficam integrados na mesma vontade divina. (PIKAZA, 2008, p.188).

Dessa forma, o islamismo não aceita outra religião, e acreditam que só assim serão felizes, através da imposição da sua religião, tendo todos os não convertidos ao Islã. Em nossos dias há muitas pessoas radicais, que fazem uma má interpretação do Alcorão e dissimulam a violência contra outras pessoas que professam credo diferente do Islamismo, espalhando assim, o terror pelo mundo.

2.2.3 Hinduísmo

“O Eterno é um, mas tem muitos nomes.” (RIGVEDA, Divisa de Ramakrishna)

Considerada a terceira religião com o maior número de seguidores no mundo, com “750 milhões de hindus na Índia, e importantes minorias na Indonésia, África e Caribe”. (SCHERER, 2005, p. 16). Religião essa de caráter politeísta, ou seja, acredita em vários Deuses e Deusas, um deles se não o mais conhecido é o DeusBrahma.

Hinduísmo é um termo genérico para as religiões indianas, ou que se originam na Índia, fundamentadas nos escritos mais antigos da Índia, os Vedas, e\ ou que não questionam a validade da classe sacerdotal indiana (brâmanes). O nome hinduísmo é derivado de hindu. Foi com este nome que os conquistadores islâmicos da Índia designaram todos que não eram mulçumanos nem cristão nem judeus. (SCHERER, 2005, p. 16).

Os Hindus acreditam na vida após a morte e na reencarnação, que ao longo de várias vidas, eles podem evoluir, até alcançar certo estágio, seus seguidores possuem castas, sua bíblia sagrada é chamada *Os Vedas*.

O Hinduísmo é uma religião de origem indiana, e seus ensinamentos provém de bons exemplos, um jeito fácil de entender essa religião é através da *Gita* “é uma espécie de condensação de diversas escolas e tendências e pode ser considerado um texto chave para entender o Hinduísmo”.(PIKAZA, 2008, p.132). Os cultos são realizados em templos sagrados, e seus principais rituais são praticar diferentes tipos de ioga, rezar ou recitar mantras.

A *Gita* aceita a ordem impositiva (em si mesma violenta) das castas, sancionando a estrutura sagrada de uma sociedade na qual há brâmanes (liberados religiosos), ksatriyas (nobres guerreiros), e vaisyas (comerciantes e agricultores). No escalão mais baixo estão os intocáveis, fora da sociedade sagrada (triestamental) que formam os grupos anteriores. Cada grupo ou casta deve cumprir seu dharma (obrigação de estado). Neste pano de fundo deve ser entendida a ação e não ação de Arjuna, um ksatriya ou guerreiro que não é um inativo (monge ou asteca) nem um comerciante, mas um lutador de casta, dentro do sistema.(PIKAZA, 2008, p.132).

Através das castas eram impostas também, o seu lugar no trabalho, ou seja sua vida estava pré-definida desde o momento de seu nascimento, e os únicos que não tinham como evoluir eram os intocáveis, que nem eram considerados como parte da sociedade.

O Hinduísmo é uma religião, pouco conhecida entre nós, brasileiros, por ser muito diferente e distante da nossa cultura.

2.2.4 Budismo

“A verdade permanece oculta para aquele que está cheio de desejo e ódio.” (BUDA)

Considerada a quarta religião com maior número de seguidores no mundo contendo “cerca de 500 milhões de adeptos”. (SCHERER, 2005, p. 16). Essa religião é considerada politeísta e sua origem é filosófica, teve início através dos ensinamentos de Buda, seus seguidores são chamados de budistas.

O Budismo tem seus ensinamentos provindos de bons exemplos que trazem a paz, liberdade, alegria e sabedoria. “A forma mais importante da prática religiosa em todo budismo, é a meditação. Para a tranquilização do espírito dos sentidos e das emoções”. (KOROVAEFF, s/d, p. 125). A religião do budismo, consiste em

trabalhar a espiritualidade do homem, buscando encontrar tudo isso em seu eu interior.

Ao se falar sobre intolerância dentro das religiões, o budismo até agora entre pesquisas e leituras mostrou-se uma das poucas religiões que não fazem uso dessa prática.

Parece que o budismo destaca um tipo de tolerância passiva, colocando em relevo o não desejo, a não ingerência nos problemas do mundo. O cristianismo, ao contrário acentua mais a tolerância ativa, centrada na comunicação: acredita que é possível superar o mal pela força do bem, embora os homens corram o risco de ficar nas mãos dos poderes de violência deste mundo. (PIKAZA, 2008, p.185-186).

O Budismo é um caminho, que pode conduzir a pessoa a atingir o nirvana, isto é um vazio, um nada, capaz de trazer a paz e harmônio para o interior da pessoa. Na verdade é um processo de encontro consigo mesmo, através da meditação. Em nosso meio, alguns artistas são praticantes desta religião.

2.2.5 Judaísmo

“Até o fim dos séculos haverá sempre um Livro a desenterrar.” (JABES PARCOURS)

Considerada a quinta religião com o maior número de adeptos no mundo “com cerca de 16 milhões”. (SCHERER, 2005, p. 15). Religião essa de caráter monoteísta, ou seja, aqueles que acreditam somente em um Deus. Possui várias vertentes, mas que de forma universal, creem no que está escrito em seu livro sagrado. A Bíblia é o livro por excelência, onde contem toda a doutrina a ser observada. Os mandamentos de Deus, são uma profissão de fé do povo judaico.

É muito valorizado e praticado a religião dentro das famílias, sobretudo no sábado, dia Santo de descanso. Pois, sábado é mais que um dia de descanso, é o *sétimo dia*, no qual diz a Bíblia, que Deus descansou neste dia.

Também realizam o culto na sinagoga, e nos dias de cerimônia, os homens com a cabeça coberta com o *Kippar* e usando o *Talith*, isto é um Xale de oração, no ombro, ficam de pé na nave. As mulheres ocupam as galerias laterais da sinagogas e no centro fica a leitura da Torá, isto é da Bíblia e as orações.

O cristianismo é um judaísmo universal, aberto a todos, em princípio a partir dos pobres: um judaísmo que renuncia a sua singularidade (leis sobre a alimentação, normas nacionais, circuncisão), para expandir as mensagens

dos profetas a todos os homens e mulheres da terra. O judaísmo sinagoga, ao contrário, conserva vivo o testemunho de sua diferença com os demais povos, pois, no seu modo de ver o tempo final não chegou, de maneira que, por ora, homens e mulheres ainda não podem se reunir em um mesmo espaço humano e religioso. (PIKAZA, 2008, p. 71).

Visto que o Judaísmo e o Cristianismo nasceram do mesmo lugar, porém o Judaísmo se isola dos demais povos, e para ser judeu precisa nascer judeu, ser filho de mãe judia. Já o cristianismo de uma forma geral atinge a todos.

No decorrer da leitura sobre as religiões colocadas neste item, pode-se perceber que cada uma traz sua realidade histórica- cultural e social, tem sua forma de acolher seus adeptos, no entanto em todas elas foram destacadas sua forma de agir intolerantemente ou tolerantemente. Foi possível conhecer um pouco sobre as religiões monoteístas e politeístas muito presentes no Ocidente, presença marcante em maior quantidade no Oriente, porém, ambas ultrapassam suas fronteiras de origem e hoje, estão espalhadas praticamente em todos os países.

Esta é uma diferença que, em primeiro momento, pode parecer pequena, mas que determina toda percepção sagrada das religiões monoteístas e místicas. 1)As religiões monoteístas podem ter a vantagem de ver o amor ao próximo como revelação ativa de Deus, mas correram o perigo de sacralizar um determinado tipo de guerra, como vimos ao falar do antigo Israel, sendo assim, portadoras de violência e fanatismo religioso. 2)As religiões orientais podem ter a desvantagem de ignorar ou destacar o amor ao próximo e não buscar o reino de Deus no mundo; porém isto permitiu que não sacralizassem a guerra nem quisessem impor sua religião pela força. (PIKAZA, 2008, p.135-136).

Embora as religiões possam ser um caminho possível para a construção da paz mundial, elas também pode fomentar e gerar a guerra e a intolerância. Faz-se necessário e urgente, um diálogo sincero entre as religiões, onde cada uma respeite as diferenças entre ambas, descobrindo a beleza da diversidade cultural e abram cada vez mais os caminhos para a tolerância religiosa.

2.3 RELIGIÕES DOMINANTES NO BRASIL

O exposto a cima trouxe a visão panorâmica das religiões que se julga as mais importantes no mundo, porém, se faz necessário apresentar as religiões predominantes no Brasil.

Nas sociedades modernas, pós-modernas ou ainda ultramodernas, assim como as chamadas primitivas, nativas e do terceiro mundo, há o surgimento de um renovado interesse pela religião e suas expressões. Isto tem atraído cientistas da religião e de estudiosos de disciplinas afins, (teologia, psicologia, filosofia,

antropologia) no Brasil e no exterior, sendo um tema de interesse comum e de importância relevante no momento atual.

Essa dificuldade teórica advém da própria constituição da realidade das religiões no Brasil. Se do ponto de vista cultural podemos afirmar que o Brasil é um grande mosaico formado por diferentes cores e contornos quando observado de perto, e que tem sua beleza plural quando observado a distância, o mesmo ocorre com o campo religioso brasileiro. (SANCHEZ, 2005, p.105)

Nesta coleta de dados foram encontradas as mesmas dificuldades que se teve acima, pois o Brasil possui grande território e imensa diversidade cultural. Tentou-se fazer uma classificação relacionando e diferenciando teoricamente, colocando as várias ramificações do cristianismo que crescem na atualidade.

Tabela2- População residente religião

Número	População residente religião	Total	Pessoas
1º	Católicas	123.279.183	Pessoas
2º	Evangélicas	42.275.437	Pessoas
3º	Espiritas	3.290.991	Pessoas
4º	Testemunhas de Jeová	1.393.208	Pessoas
5º	Umbandas	407.327	Pessoas

Fonte: https://ww2.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=ba&tema=censodemog2010_relig

2.3.1 Católica

A igreja católica possui a maior comunidade de cristãos existentes no Brasil, até os dias de hoje, suas origens estão ligadas aos primeiros passos que foram dados na história do cristianismo. A palavra católica significa, aberto á todas as culturas, “52,8% de todos os cristãos acham-se presente em 240 diferentes países, inserido em um número ainda maior de culturas, reunindo mais de bilhão de seguidores, pelo menos nominalmente”.(FREITAS, 2006, p. 17).

Tem uma organização marcada por uma estrutura hierárquica sustentadas em instituições sendo elas: paróquias, dioceses e arquidioceses. O ser católico está sustentado por três pilares: a tradição, a Bíblia e o magistério da Igreja.

Tradicionalmente, o Papa sempre foi considerado um *primus inter pares* (primeiro entre iguais, entre seus pares) e não *primus solus* (primeiro sozinho ou isolado). A orientação do último pontificado voltou a isolar o centro romano, afastando-o de uma prática mais colegiada e respeitosa de uma comunhão de mão dupla e não em senso único. (FREITAS, 2006, p. 23-24).

O Papa é considerado a maior autoridade da Igreja Católica, seguida pelos cardeais, arcebispos, bispos, padres e todos os fiéis que participam da comunidade cristã. Um dos principais dogmas do catolicismo é a ressurreição de Jesus Cristo.

2.3.2 Evangélica

Alguns Evangélicos destacam-se por seus cultos intensos, animados e com grandes expressões e fortes emoções. Geralmente seus cultos são baseados nas palavras da Bíblia, rezam em línguas diferentes.

O culto pentecostal é diferente dos demais cultos protestantes: acredita-se que o espírito santo se manifesta, fazendo que os crentes falem línguas desconhecidas – que seriam idiomas falados por povos antigos – curem doenças e mandem embora os demônios. O pastor prega, os crentes oram em voz alta ao mesmo tempo, cantam e gritam o nome de Jesus. (INCONTRI; BIGHETO, 2004, p. 133).

Em algumas igrejas evangélicas, é importante destacar que isso não ocorre em todas, exibem rituais espetaculosos, curas milagrosas e até mesmo exorcismos. Grande parte das igrejas evangélicas são bastante rígidas, muitas impõem os costumes e hábitos que seus fiéis devem seguir.

Em linhas gerais, muitas de suas formas de realizar seus cultos são através da forte presença na mídia eletrônica, controlando a programação de dezenas de emissoras de rádio e televisão Brasil.

Nos últimos vinte anos, a religião que mais tem crescido no Brasil é um determinado tipo de protestantismo: o dos evangélicos pentecostais. Fundação de novas igrejas, inúmeros programas de rádios e de televisão e vários deputados eleitos, são alguns dados que revelam o aumento do pentecostalismo. (INCONTRI; BIGHETO, 2004, p. 133).

A religião evangélica assim como as várias outras religiões, possui diversas vertentes, onde cada uma tem uma forma de conquistar seus adeptos.

Diferentemente da católica, a evangélica, impõe alguns códigos de vivências sobre seus fiéis, nem sempre aceitáveis por todos.

2.3.3 Espírita

O Espiritismo é uma doutrina, que “teve início no dia 31 de março de 1848” (MELLO, 2006, p. 127), onde seu maior nome em destaque é, Allan Kardec.

Sua ação, cria uma relação na qual o homem pode e tem o dever de compreender a vida, e um desses meios é através do diálogo e da razão. Os espíritas são consumidores assíduos dos livros que relatam a experiência de pessoas com o mundo dos espíritos, mostrando a importância do conhecimento deste outro mundo.

O brasileiro Chico Xavier tinha destaque por repassar e reproduzir o conhecimento enviados por espíritos, atividade essa conhecida como psicografia. “Todo e qualquer tipo de espiritismo tem por base a prática da evocação dos mortos ou dos espíritos”. (MELLO, 2006, p. 128). O espiritismo tem a prática de aplicar passes, onde um membro que tem maior sensibilidade procura intervir sobre alguns males físicos e psíquicos promovendo a cura espiritual.

2.3.4 Testemunhas de Jeová

É um movimento religioso, advindo da religião cristã, “as testemunhas de Jeová negam o ministério da santíssima trindade, a divindade de Jesus de Nazaré e a personalidade do espírito santo”. (MELLO, 2006, p. 80). Para eles Jesus até existiu, mas era uma pessoa normal, e a vida após a morte não existe e o espírito morre junto. Tudo se acaba com a morte.

Tem esse nome *Testemunhas de Jeová* por apoiar-se a um trecho que diz na Bíblia ao qual Jeová pede aos fiéis que sejam suas testemunhas e que preguem suas doutrinas. Considerada uma seita, que significa: definição de um grupo organizado de pessoas que procuram defender as mesmas idéias, que tomam partido, e possuem a mesma corrente de pensamento ou escola. Assim como os testemunhas de Jeová que foi uma divisão ocorrida no cristianismo

A seita foi fundada nos Estados Unidos, em 1872, por Charles Tase Russel(1852-1916). Querendo converter um ateu, foi por este convencido que não há inferno. Deixou de frequentar a bíblia, pois – segundo ele – esta não ensina a existência do inferno. Aos 20 anos começou a pregar essa heresia da negação do inferno e a fazer adeptos. (MELLO, 2006, p. 79).

Não existe nenhum tipo de hierarquia entre os fiéis das Testemunhas de Jeová, nesta religião todos possuem funções parecidas, tendo o dever de evangelizar de casa em casa e nas ruas.

2.3.5 Umbanda

Não consta no gráfico, mas é relevante sua presença marcante em nosso País. Nasceu e cresceu nas classes mais humildes da população brasileira, “ A umbanda foi fundada em 1930, em Niterói, RJ, pelo capitão José Pessoa, espírita Kardecista” (MELLO, 2006, p. 131). Seus praticantes conduzem essa religião, possuindo diferentes tipos de visões até mesmo conflitantes entre os seus conceitos e membros.

A semelhança aparentemente, do culto umbandista, dos trajés, dos cantos e tantas outras características tem bastante semelhança ao candomblé e dos demais cultos afro-brasileiros, mas fica evidente a diferença com base numa observação mais detalhada, pois a umbanda faz uso de algumas práticas “ a evocação de Orixás, exus e falecidos e a adivinhação.”(MELLO, 2006, p. 133). Adotando figurastão conhecidas, que impossibilita qualquer um que já tenha visto de não conseguir identificá-la, quando lembrados dos (preto-velhos, pombas-gira e zé pelintra) destacadas como grandes figuras, imagens e esculturas.

Fazem despachos, isto é oferendas com cereais, frutas, bebidas, charutos, velas e etc. A finalidade é de atrair e agradar determinado orixá.

Ao fazer um olhar panorâmico sobre as principais adesões religiosas no Brasil, conhecendo determinadas religiões, culturas ou sociedades, é possível ter maior tolerância para com o outro, respeitando as diferenças e admirando suas belezas.

2.4 ENSINO RELIGIOSO: PROFESSOR, ALUNO E CONTEÚDOS

A finalidade deste é apresentar a relação entre a disciplina, professor, aluno e conteúdo. O desafio continua, como falar de ensino religioso dentro de uma sala de aula? Como ministrar esta disciplina com vários alunos de diversidades culturais-sociais e religiosas? Será que os professores, possuem uma preparação adequada?

As indagações são tantas, e a busca por respostas uma constante, aqui se pretende apresentar algumas realidades e possibilidades.

Para tal, os professores desta área devem estar plenamente inseridos no contexto das instituições escolares, sem que haja discriminação nem privilégios de qualquer natureza. Mas é preciso reconhecer que, ao longo da história do Ensino Religioso, sempre houve a preocupação com a formação de professores, porém esta nem sempre foi algo tranquilo, em consequência da dificuldade da identidade da disciplina. (JUNQUEIRA, 2002, p. 111).

A falta de identidade da disciplina, fez muitas vezes com que professores se sentissem inseguros ao aplicarem os conteúdos. A disciplina de Ensino Religioso requer um olhar diferenciado, principalmente quando se trata da relação professor x aluno, isto é uma formação adequada do professor que ministra esta disciplina.

No espaço escolar, especialmente na aula de ensino religioso, o conhecimento será socializado, entrecruzando as “ identidades religiosas”, com o objetivo de estabelecer o conhecimento ordenado para possibilitar uma visão ampla global, instrumentalizando o educando para poder superar as “contradições isoladas e procurar dar coerência a sua concepção de mundo”. (OLENIKI; DALDEGAN, 2003, p. 32).

Diferentemente das outras matérias, o professor necessita de uma visão ampla sobre o universo religioso e ministrá-la como cultura, onde o aluno, poderá até dar um sentido de sagrado para sua vida. O professor não pode ficar fazendo um proselitismo sobre os alunos.

O Ensino Religioso é uma temática polemica ao longo da história da educação brasileira, sobre tudo na rede estatal que, por definição, são escolas que recebem alunos de diversas tendências, até mesmo os que se negam a especificidade do fato religioso. (JUNQUEIRA, 2002, p.113).

Aquele que ministra o Ensino Religioso na escola, deve ter em conta que que é uma disciplina como as demais, tratando de cultura religiosa, onde vai acrescentar um conhecimento mais amplo para seus alunos. Uma contribuição para o desenvolvimento pessoal e social, onde o conhecimento da cultura religiosa, pode ajudar na tolerância para com o diferente.

Considerar a diversidade cultural, a livre expressão do ser e agir social, a relatividade dos saberes, são os principais elementos que movem o

conhecimento religioso, (...) essa busca não pode ter fim, é o ser no mundo, a busca constante pela mudança, pela transposição do impossível, o que move a pesquisa. (JUNQUEIRA, 2007, p. 79).

O Brasil sendo um País pluralista, busca democraticamente respeitar as diversas culturas e religiões que se apresentam como um mosaico de muitas relações. Para a escola e todo seu corpo docente se faz um desafio, reconhecer e valorizar os caminhos traçados, por cada uma das diferentes formas de expressões culturais. Esta valorização ocorre através do conhecimento, reflexão e uma boa dose de tolerância sobre o item das culturas religiosas. O profissional que ministra aulas de Ensino Religioso, precisa estar aberto para receber de boa fé a convicção do outro como um dado cultural e não fazendo uso de proselitismo.

A forma de abordagem dos conteúdos é tão significativa, quanto eles próprios, pois a atitude de uma pessoa diante do fenômeno religioso, não é, apenas, o resultado de conhecimentos e racionalização, muito menos exclusivamente de perspectiva psicológica. É interessante retomar que a religião é uma forma de expressão do fenômeno religioso e ocorre dentro de cultura ou culturas, portanto o ambiente social também interfere na avaliação do mundo e das pessoas na dimensão da expressão religiosa, inclusive opções como a negação, a expressão de uma construção própria, a confirmação ou adesão a uma nova religião. (JUNQUEIRA, 2002, p. 107).

O Ensino Religioso deverá tratar os conteúdos, como formados de consciência e atitudes, sem optar por uma única religião. Mesmo aqueles que não praticam alguma religião, precisam encarar o Ensino Religioso como uma disciplina cultural que integram o homem, como História, Geografia e demais matérias. A opção em adesão ou negação daquele que ouve, não é relevante neste momento de ministrar a disciplina, mas sim o respeito para com a opção do aluno e família. Talvez, seja isto mesmo que o Ensino Religioso, venha acrescentar, a tolerância para com o outro.

Se antes o papel do professor era o de ensinar uma tradição, ou seja, ensinava a doutrina da religião a qual pertencia, hoje seu papel é fundamental enquanto mediador e socializador de uma visão ampla do papel e do patrimônio cultural, de diferentes tradições religiosas. (OLENIKI; DALDEGAN, 2003, p. 38).

É preciso direcionar os alunos, de forma que saibam agir e se comportar em diferentes situações. E o professor não pode nunca limitar, nem impor sua religião

ou a falta de uma, mas precisa mostrar o sentido e a dimensão de todo esse mundo imenso chamado, religião. Infelizmente, há poucos profissionais preparados para ministrar aulas de Ensino Religioso.

Ao assumir o Ensino religioso pela via de conhecimento, os conteúdos deverão proporcionar o diálogo e a participação dos educandos, por meio de um procedimento que gera a atitude de alteridade em relação ao conhecimento religioso pessoal e o entendimento do outro, contribuindo para que o educando possa desenvolver-se sem preconceitos e torne-se um cidadão que promova a paz e a fraternidade. (OLENIKI; DALDEGAN, 2003, p. 29).

O homem busca a partir do conhecimento religioso, a descoberta sobre muitas coisas, portanto é necessário que o educador ajude seus alunos a avançar através de suas curiosidades, buscando superar suas contradições, e atitudes repressoras como a intolerância. Muitos novos caminhos, podem ser abertos através do diálogo das religiões.

Para que haja respeito à diversidade na escola é necessário que todos sejam reconhecidos como iguais em dignidade e em direito. Porém quando afirmamos que “todos os seres humanos são igualmente dignos de respeito”, isso não pode significar que devemos deixar de considerar as inúmeras formas de diferenciação que existe entre os indivíduos. As ideias multiculturalistas discutem como podemos entender e até resolver os problemas gerados pela heterogeneidade cultural, política, religiosa, étnica, racial, comportamental, econômica, já que teremos que conviver de alguma maneira. (JUNQUEIRA, 2007, p. 79).

Ou seja, a sociedade é composta por diferentes tipos de grupos, com opções até contrárias uns dos outros, porém o que queremos deixar claro é que o respeito é indispensável para uma boa convivência. E na escola, pequena comunidade social é garantido por lei à tolerância na diversidade também religiosa, como nos mostra o:

Art. 1º O art. 33 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 33. O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§ 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso."

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 22 de julho de 1997; 176º da Independência e 109º da República.
(LEI DE DIRETRIZES E BASES, 9394/96).

A lei apresenta e define muito bem como agir dentro da escola em relação ao Ensino Religioso, com um pouco de boa vontade, não há dificuldade que seja insuperável.

2.5 A INTOLERÂNCIA

O desejo pela influência da religião sobre o Estado e sociedade não é algo novo no Brasil, pois, mesmo a República, estando separada da Igreja o catolicismo continuou como a religião oficial do País.

O cristão sincero não pode livrar-se assim tão facilmente do problema. Em razão de seu compromisso religioso, ele deve conviver com seu conflito interno entre extremos aparentemente irreconciliáveis. Não obstante, também se compromete a tentar reconcilia-los, até onde lhe permita a graça de Deus. (MERTON, 2011, p. 242).

Logo a disputa entre as crenças começou a ocupar cada vez mais espaços, por esse motivo a intolerância fez vítimas de violência colocando como inimigos aqueles que não seguiam a mesma linha de fé.

As religiões participaram deste processo e ainda participam. Elas proclamam suas intenções de ser instrumentos de paz; no entanto, são muitos os casos em que contribuem na manutenção ativa da violência, das guerras e do terror. Como é próprio de todas as atividades dos seres humanos, as ambiguidades, os comportamentos sociais paradoxais, as ambivalências que muitas vezes desembocam em contradições, estão presentes nas religiões, inclusive quando anunciam que desejam ansiosamente a paz. (SOTER, 2010, p. 100).

O Brasil fez parte desse movimento, e a educação foi usada como uma estratégia, através da imposição da Educação Moral e Cívica com a ditadura militar, até chegar ao pluralismo nas escolas públicas, neste tempo da democracia.

O homem aparece nesta linha como agente capaz de pensar, de se organizar e dominar um mundo que ele mesmo planeja como sistema econômico e militar, social cultural. Esta é a crise da modernidade, que não surgiu em vários lugares e de formas distintas (como nas culturas de tempo-eixo), mas em um único lugar (Europa), espalhando-se depois para todo mundo. O tempo-eixo (ampliado no cristianismo e no islamismo) fundou diversas culturas (religiões) que ainda hoje continuam a influenciar. (PIKAZA, 2008, p. 24).

Deparamos-nos em um momento da história da humanidade, a qual estamos vivendo, em que há uma discussão que gira em torno da diversidade, sendo esse um assunto muito importante, pois nos questionamos sobre até que ponto existe, realmente, um reconhecimento e respeito ao diferente? Queremos mesmo uma cultura de paz sobre a humanidade?

Isso significa que também as pessoas religiosas não podem ser dispensadas de buscar informações e conhecimentos seguros sobre os problemas concretos da ética de vida, da ética sexual e até da ética econômica e política. E devem buscar sempre operar com argumentos fundamentados para, assim, chegar a modos verificáveis de decisão e, por fim, obter também soluções praticáveis. (KUNG, 2003, p. 90).

Para que haja reconhecimento se faz necessário antes o conhecimento dos sujeitos como diferentes entre cada opção pessoal. Pois numa diversidade cultural, a qual vivemos existem direitos e deveres. Cada pessoa, dentro da sua realidade, seja ela qual for, na escola desejada, com a religião escolhida até mesmo na discussão de sua cultura, deve ser respeitada.

Por outro lado é necessário nos libertar de todo idealismo e compreender que, apesar de as religiões terem motivado e continuarem influenciando nos comportamentos de muitas pessoas, bem como animado os desejos de concórdia entre os povos, o sopro que anima nossas crenças contribui muitas vezes para aumentar a incandescência das chamas e os próprios incêndios que querem extinguir. O ardor sagrado nos move e – ainda que busquemos a paz – frequentemente fazemos o oposto ao objetivo que desejamos. Neste texto indicamos que devemos exercer uma crítica cuidadosa das atitudes e afirmações que nos parecem inadequadas; correspondendo-nos sempre em assumir nossa responsabilidade.[...] censurar outros que não estão de acordo com nós especialmente quando aquilo que criticamos também está presente em nosso modo de ser, não contribui para que a concórdia e a paz tenham mais força na realidade. Tal consciência é pertinente em tempos como os nossos, ainda mais adequado, nas relações entre as religiões nas quais confessamos, aconteçam discussões calorosas e dogmatismo. (SOTER, 2010, p. 100-101).

Para isso a Constituição Federal de 1988 garante a *Liberdade Religiosa*, “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias.”(Art. 5º, inciso VI). E ainda no:

Art. 18º Toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo

ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos. (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS).

O que se pode perceber é que existe uma tolerância das diferenças, onde até certo ponto seria possível demonstrar uma infinidade de exemplos, já que se trata de tolerância e do reconhecimento, ou seja, um deles que vemos rotineiramente é das pessoas brancas que não reconhecem os valores e direitos das pessoas negras enquanto seres humanos, outro exemplo é dos variados casos de gêneros que aqui sim é algo muito recente, diferente das religiões e raça. Onde abrange garantias para os:

Negros e Minorias Étnicas Lei Nº 7.716, de 05 de janeiro de 1989 – Lei CAO. Essa lei é a principal arma do cidadão(ã) , na luta pela punição dos crimes decorrentes do racismo, preconceito e discriminação racial em nosso país. Para sua aplicabilidade é necessário o seu total reconhecimento, para podermos agir conscientemente contra os males citados. É importante saber que a referida lei acima citada foi corrigida pela lei Nº 9.459 de 13/05/1997, que modificou os artigos 1º e 2º da lei acima citada, revogou o artigo 1º da lei Nº.8.081 e a Lei Nº. 8.082 de 03/06/1994. Introduziu o Artigo 140 do Código Penal. O parágrafo terceiro, tipificando a injúria com utilização de elementos relacionados à raça, cor, etnia, religião ou origem, e determinando as penas de todos os crimes referidos. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1989).

Nesta perspectiva as pessoas estão aprendendo a respeitar, embora não aceitem essa questão ainda, pois falta, talvez, algo que nos mostre do por que essas pessoas nasceram assim? Isso se dá através do conhecimento, pois tolerar não é reconhecer e aqui a Constituição Federal é garantida “pela Lei Nº 5003 de 2000 em tramitação no Congresso Nacional, Diversidade Sexual tem por objetivo criminalizar a homofobia (medo de homossexuais)”.

O reconhecimento atribui um valor ao diferente não importa, se isso se dá por parte da realidade da sociedade ou de onde quer que seja, pois a tolerância é algo imposto hoje em dia, por lei.

Apesar de ser uma questão de tolerância apenas, dificilmente haverá uma valorização e reconhecimento da cultura e das diferenças de cada um. Dessa forma, é possível analisar que no convívio de espaço que existe é tolerância, e se as pessoas não se propuserem a conhecer a história e a buscar o conhecimento de tal situação, como: por que aquilo é assim e por que me incomoda?

No momento em que a predisposição é questionada, submetida á crítica, então as condições para o diálogo podem abrir se. Nestas ocasiões, trata se

de um processo de transformações que vai além do campo cultural e/o político: todo ser da pessoa está envolvido nessa mutação. O diálogo é um reconhecimento de que o outro me permite ascender a uma nova posição. Nela, posso ser mais. Teoria prática se enriquecem mutuamente com a abertura ao outro.[...] Quando se tem acesso a essa abertura dialogal, em primeiro lugar nos surpreende: o diálogo é uma atividade consigo mesma, com o outro que está em nós, com a pluralidade de seres que nos habitam.(SOTER, 2010, p. 109-110).

Dessa forma nunca passarão de homens que toleram, até por que sabem que se usarem de intolerância estarão cometendo algum crime ou ato infracional pois cada ser possui suas particularidades e valores.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é contextualizado de maneira formativa, tanto para docentes quanto para estudantes, em forma de compreensão de novas maneiras de tratamento das questões religiosas e culturais, que está em busca da sua liberdade religiosa, assim como as demais liberdades asseguradas pelo Estado, mas que nem sempre foram garantidas e vistas historicamente nas escolas, sociedade e no mundo.

Por se tratar das várias intolerâncias que existiam silenciosamente e que ainda existem em nossa convivência em sociedade, embora pouco fossem questionadas, mas que se tornaram visíveis por mais recente que seja.

Esse cenário hoje em dia por suas variadas formas de exposição, sejam elas, em locais públicos, redes sociais, e também nas escolas, tem ganhado cada vez mais repercussão através da tecnologia. E por isso talvez essas demonstrações de interferência na vida do outro tenha também ganhado mais visibilidade, garantindo assim alguns direitos, os quais hoje precisam e tem a necessidade de serem respeitados.

Há, ainda hoje, uma grande evidência de prejuízo para a diversidade religiosa que está em busca de defesa dos seus direitos não somente na escola, mas na convivência social.

Em sua prática pedagógica, é preciso considerar alguns cuidados na escola que certamente exigidos docentes uma experiência compartilhada pela liberdade, com o exercício da tolerância e pelo conhecimento através do direito à história, pelas diversas culturas e memória sem sua total dimensão .

Por se tratar de um trabalho que fala sobre as religiões, ele não é considerado, uma doutrinação, mas a promoção do direito a abertura de caminhos que levem a horizontes que mostrem a importância do conhecimento através do respeito ao espaço do outro e ao descobrimento compartilhado.

Ou seja, a colocação total dos interesses democráticos, com intuito de promover relações sociais que emancipem o ser humano, pois se trata de uma ética, já que se sustenta pela troca de experiências.

Mesmo sabendo que nem sempre essas serão harmônicas,mas que a sua intenção seja de promover abertura de interação social sem violência através da presença da laicidade como projeto de sociedade, mostrando a importância do respeito em conviver com o diferente, uma vez que se pararmos para pensar ninguém é igual, faz igual ou pensa igual.

Por fim, é conclusivo que o mundo tem uma necessidade de iniciativas que tragam, mostrem a importância ao respeito às crenças, já que a disciplina que se enquadraria em focar nessa necessidade não é obrigatória nas escolas.

Então é necessário iniciar campanhas que levem o homem a abolir o preconceito religioso causado pela falta de tolerância com o desconhecido, assim, somente dessa forma incentivando o respeito mútuo se conseguirá uma sociedade tolerante que saiba conviver com pessoas que tenham ideias que diferem das suas e sejam capaz de entendê-las e respeitá-las.

4. REFERÊNCIAS

ALVES; R. **O que é religião?** São Paulo: Ipiranga, 1999.

CARON, L. et al . **O ensino religioso na nova Idb.** Petrópolis: Vozes, 1997.

CASA CIVÍL; PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **LEI Nº 9.475, DE 22 DE JULHO DE 1997.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9475.htm#art1. Acesso em: 12 out. 2017.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Disponível em: http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf. Acesso em: 12 out. 2017.

IBGE; INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Religiões.** Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=ba&tema=censodemog2010_relig. Acesso em: 12out. 2017.

INCONTRI; D. BIGHETO; A. **Todos o jeitos de crer.** São Paulo: Ática. 2004.

JUNQUEIRA; S.; R; A. [et al.] . **Religião e cultura:** Departamento de Teologia e Ciências da religião – PUC-SP São Paulo: Paulinas, 2007.

JUNQUEIRA; S, R, A. **Ensino religioso:** uma produção a partir de olhares múltiplos . Curitiba: Bagozzi, 2006.

JUNQUEIRA; S. R. A. **O Processo de escolarização do ensino religioso no brasil** . Petrópolis: Vozes, 2002.

KOROVAEFF; C. K. **Uma breve história de religiões e de fé:** Budismo-Cristianismo-Hinduísmo-Islamismo-Judaísmo. São Paulo: Escala, S/D.

KUNG; H. **Projeto de ética mundial:** uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. São Paulo: Paulinas, 2003.

MAJOR RELIGIONS of the World Ranked by Number of Adherents. Disponível em: http://www.adherents.com/Religions_By_Adherents.html. Acesso em: 12out. 2017.

MANOEL; I; A. FREITAS; N; M; B. **História das religiões:** desafios, problemas e avanços teóricos, metodológicos e historiográficos. São Paulo: Paulinas, 2006.

MELO; F. R. **Religião e religiões:** perguntas que muita gente faz. Aparecida: Santuário, 2006.

MERTON; T. **Paz na era pós – cristã:** testamento de um dos maiores místicos do século XX. Aparecida: Santuário, 2011.

OLINEKI; M. L. R. DALDEGAN; V. M. **Encantar**: Uma pratica pedagógica no Ensino Religioso. Petrópolis: Vozes, 2003.

ONU; NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL. **Direitos humanos**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-respeito-mutuo-entre-diferentes-religoes-e-culturas-e-alicerce-para-um-mundo-em-paz/>. Acesso em: 12out. 2017.

OTTO; R. **O Sagrado**. LISBOA; Portugal: Edições 70, 2005.

PASSOS; J. D. **Ensino religioso**: Construção de uma proposta. São Paulo: Paulinas, 2007.

PIKAZA; X. **Violência e diálogo das religiões**: Um projeto de paz. São Paulo: Paulinas, 2008.

SAMUEL; A. **As religiões hoje**: São Paulo: Paulus, 1997.

SANCHEZ; W. L. **Pluralismo religioso**: As religiões no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2005.

SCHERER; B. **As grandes religiões**: temas centrais comparados. Petrópolis: Vozes, 2005

SENA; L. **Ensino religioso e formação de docentes**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SOTER. **Religiões e paz mundial**. São Paulo: Paulinas, 2010.